

A MONUMENTALIZAÇÃO DA DOR: MONUMENTOS CATÁSTROFES SOBRE A DITADURA MILITAR

Autor 1: Josué Patrocínio Machado Junior

E-mail: josue-pmachado@hotmail.com

Autor2: Eliézer Cardoso de Oliveira

E-mail: ezi@uol.com.br

1 Graduando em História pela UEG-Anápolis.

2 Professor do curso de História e do TECCER da UEG em Anápolis - orientador.

Resumo:

O objetivo deste trabalho é propor um novo olhar analítico sobre a Ditadura Militar brasileira, a partir do estudo do conjunto de monumentos sobre a memória das vítimas do Regime. O referencial teórico utilizado refere-se ao campo denominado “estética da catástrofe” que procura abordar a produção estética derivada de tragédias a partir da análise cultural, além disso, serão feitas reflexões a respeito da memória, e sua influência na construção de monumentos, quando se cria a sensação de pertencimento a determinado grupo. Na contemporaneidade, tornou-se comum, após grandes tragédias, vários artistas dedicarem suas obras às lembranças desses eventos. Músicas, filmes, literatura, obras de arte, qualquer tipo de produção artística pode se encaixar no campo da “estética da catástrofe”, assim como o humor. Geralmente esses monumentos possuem características que são peculiares ao estilo da estética da catástrofe, não que essas características não estejam presentes em outros tipos de arte, no entanto, elas parecem ser mais notáveis nas artes inspiradas em catástrofes.

Palavras chaves:

Ditadura Militar, Estética da Catástrofe, Monumentos.

Introdução

O pressuposto desse trabalho é que o Regime Militar Brasileiro (1964-1985) deve ser considerado como uma catástrofe, uma vez que produziu um trauma coletivo numa parcela significativa da população brasileira. No sentido freudiano, citado por Caruth (2000, p.126), o trauma pode ser visto como “a interrupção da consciência por algo – como um acidente, que chega rápido demais para ser explicado”. A dimensão trágica do regime militar estimulou uma rica produção cultural e estética durante e depois do fim do Regime, com o destaque para as músicas de protesto, as peças teatrais e os romances, gêneros que foram já bastante abordados pela historiografia. Contudo, há uma rica produção estética que recebeu, até o momento, pouca atenção dos pesquisadores: os monumentos erigidos em memória das vítimas do Regime Militar, o tema desse trabalho.

Portanto, esta pesquisa é um estudo sobre as representações das catástrofes. De acordo com Eliézer Oliveira, no livro *A estética da catástrofe*, junto às tragédias emergiu uma série de narrativas de cunho estético, como a literatura, poesia, artes plásticas, fotografia, audiovisual e monumentos.

Analisaremos os monumentos construídos para lembrar as vítimas da Ditadura Militar no Brasil, como, por exemplo, o Monumento aos Mortos e Desaparecidos na Luta Contra a Ditadura Militar, construído na cidade de Goiânia em 2003. Outros monumentos do mesmo tipo estão presentes em várias cidades brasileiras, como o Monumento em Homenagem aos Mortos e Desaparecidos Políticos, inaugurado em São Paulo em 2014, e o Monumento Tortura Nunca Mais, na cidade de Recife.

Os memoriais erigidos para lembrar as vítimas do Regime Militar é um tipo de monumento que exala uma finalidade crítica aos crimes perpetrados pelo Estado. Portanto, é uma temática que possibilita uma análise da memória e da representação estética do Regime Militar.

Referencial Teórico

Uma das abordagens importantes para essa pesquisa é a que considera o Regime Militar como uma “catástrofe”, no sentido que produziu uma memória traumática no povo brasileiro. Nesse sentido, um livro importante para a pesquisa é *A Ditadura Escancarada*, que abordou a Ditadura Militar desde o ano de 1969 até o ano de 1974, o “período mais duro” segundo o próprio Gaspari. Nessa época, coexistiu a intensa repressão dos anos de chumbo, com o milagre econômico, com a copa do mundo de 1970 e com o aparecimento da TV em cores. Gaspari prefere focar nos relatos de guerrilha e torturas, mostrando que a violência, durante o período ditatorial, tornou-se rotineira:

A tortura tornou-se matéria de ensino e prática rotineira dentro da máquina militar de repressão política da ditadura por conta de uma antiga associação de dois conceitos. O primeiro, genérico, relaciona-se com a concepção absolutista da segurança da sociedade. Vindo da Roma antiga (“A segurança pública é a lei suprema”), ele desemboca nos porões: “Contra a Pátria não há direitos” informava uma placa pendurada no saguão dos elevadores da polícia paulista. Sua lógica é elementar: o país está acima de tudo, portanto tudo vale contra aqueles que o ameaçam. O segundo conceito associa-se à funcionalidade do suplício. A retórica dos vencedores sugere uma equação simples: havendo terroristas, os militares

entram em cena, o pau canta, os presos falam, e o terrorismo acaba. (GASPARI, 2002, p.15)

Outra categoria teórica importante é a de “estética da catástrofe”, presente no título homônimo do livro do autor Eliézer Cardoso de Oliveira. O livro aborda a questão da arte como forma de relembrar eventos históricos, passando pela literatura catástrofe e a música catástrofe. Uma das questões tratadas é a visão geral da arte catástrofe a partir da categoria do sublime, que mistura ao mesmo tempo um sentimento de beleza e respeito, Oliveira, tendo como referência o livro de Edmund Burke, define o sentimento de sublime da seguinte forma:

O sublime para Burke é mais instinto do que raciocínio. Ele é arrebatador, invade o espírito completamente, paralisando-o, sem lhe dar tempo para a reflexão. O espírito é invadido pelo terror, mas ao mesmo tempo sente admiração, reverência e respeito pelo objeto que lhe suscita tal sentimento. (OLIVEIRA, 2004, p.34)

Como se percebe, não há sentimento melhor para se suscitar em alguém que observa uma obra em homenagem aos mortos na Ditadura militar do que o sentimento de sublime, que traz reverência e respeito.

Por fim, outra categoria importante para a pesquisa foi a de Memorial de Guerra, estudado por Reinhard Kosseleck no livro *Conceptual History*. Segundo o autor, os monumentos feitos em homenagem aos soldados mortos em guerras foram usados para, de certa forma, diminuir a dor das famílias e criar uma imagem de heróis nacionais para os soldados, dando a eles mais motivação para participar das guerras. Assim, a prática de criar monumentos se torna um modo de amenizar a dor das famílias, sabendo que de alguma forma seus parentes mortos serão lembrados.

Metodologia:

A metodologia utilizada neste trabalho foi, principalmente, a pesquisa bibliográfica. Para o levantamento de informações sobre os monumentos (data de inauguração, localização, autor, significado da obra) foi utilizada a Rede Mundial de Computadores.

Resultados e Discussões:

Nessa etapa da pesquisa, foi feito um levantamento de três monumentos

construídos em memória às vítimas do regime.



Figura 1 Monumento em homenagem aos mortos e desaparecidos políticos, no Parque Ibirapuera em São Paulo.

Fonte: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/12/haddad-inaugura-em-sp-monumento-em-homenagem-mortos-na-ditadura.html>

O Monumento em homenagem aos mortos e desaparecidos políticos foi inaugurado dia oito de dezembro de 2014, no parque Ibirapuera, em São Paulo, como se nota, um local de grande visibilidade.

O artista responsável pela sua confecção foi Ricardo Ohtake, formado em Arquitetura pela FAU-USP e ex-secretário do Verde e do Meio ambiente do município de São Paulo. Atua na área do design gráfico, onde desenvolve projetos relacionados a identidade visual e caracterização urbana e dirige o Instituto Tomie Ohtake desde a sua criação, em 2001. Como é possível perceber, a obra tem um formato de uma figura abstrata e não é possível visualizar nenhuma representação direta de pessoas.



Figura 2 – Monumento aos Mortos e Desaparecidos Políticos na Bahia no Campo da Pólvora, em Salvador. Fonte: <http://g1.globo.com/bahia/noticia/2015/08/monumento-lembra-baianos-que-lutaram-contra-ditadura-militar.html>

Outro monumento utilizado na pesquisa foi o Monumento aos Mortos e Desaparecidos Políticos na Bahia. Este monumento foi inaugurado dia 28 de agosto de 2015 no Campo da pólvora, em Salvador. O local foi um campo de futebol, mas atualmente abriga uma estação de metrô. O artista idealizador foi Ray Viana, um artista plástico, designer e cenógrafo. Durante sua carreira, assinou projetos artísticos de trios elétricos para renomados artistas e bandas como Ivete Sangalo, Gilberto Gil e Carlinhos Brown. Atualmente, vem desenvolvendo seu trabalho nas artes plásticas, telas e esculturas. Uma de suas últimas obras é a grande escultura em aço inox que pode ser vista na praia do Rio Vermelho, em homenagem a Yemanjá.

Neste monumento em particular, pode -se notar uma referência à objetos de tortura na parte de cima do monumento, representados por arames e pontas, enquanto na parte de baixo podemos ver o nome das vítimas a que se deseja homenagear. A obra homenageia 35 pessoas no total, sendo 32 baianos e três brasileiros de outros Estados, entre os baianos homenageados está Carlos Marighella.



Figura 3 - Monumento aos Mortos e Desaparecidos na Luta Contra a Ditadura Militar na Avenida Assis Chateaubriand com Avenida Dona Gercina Borges (antiga 26), no Setor Oeste, em frente ao Bosque dos Buritis, em Goiânia .Fonte:

<http://www4.goiania.go.gov.br/portal/pagina/?pagina=noticias&s=1&tt=not&cd=9346&fn=true>

Por fim, outro monumento pesquisa foi o Monumento aos Mortos e Desaparecidos na Luta Contra a Ditadura Militar. Esta obra foi inaugurada dia 27 de agosto de 2004 em Goiânia. Uma característica peculiar deste monumento é o fato de ter sido projetado para, quando chover, as águas ficarem correndo por entre as aberturas, provavelmente para lembrar as lágrimas dos familiares das vítimas.

Portanto, esse tipo de memória serve para reforçar o sentimento de pertencimento a um grupo. A sociedade atual não preservou a cultura da história oral, o antigo costume das famílias de se reunirem para conversarem e contar histórias se perdeu, e era esse costume que fazia com que as pessoas se sentissem parte de um grupo: seja familiar ou nacional. Os monumentos refletem uma tentativa - mesmo que inconsciente - de manter uma memória comum, uma memória partilhada por um grupo. Portanto os monumentos sobre tragédias, como é o caso dos analisados nesta pesquisa, são uma forma de representação da memória de um grupo que pretende ser visualizado na sociedade. Segundo Pollak,

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras

sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis. (Pollak, 1989, p.7)

Para Nora (1993, p.19) “a memória pendura-se em lugares, como a história em acontecimentos”. Nesse sentido é pertinente considerar esses monumentos como “Lugares de Memória”. Esse é um termo criado por Pierre Nora, que indica locais onde a memória de certo grupo é preservada, podem ser naturais ou artificiais, como é o caso dos monumentos.

Em geral, os monumentos sobre a Ditadura militar não fazem referência direta à pessoas (apesar do Monumento do Campo da Pólvora possuir os nomes dos homenageados), utilizando sempre formas abstratas. Desse modo, percebe-se, na visualização dos monumentos, que eles exalam sentimento de sublime. O uso do sublime pode ser explicado pela finalidade dos monumentos, construídos em homenagem aos mortos e desaparecidos do Regime militar, uma vez que, esta categoria seja mais adequada, do que outra que exala o sentimento de belo. Da mesma forma que, para Adorno, seria impossível fazer poesia após Auschwitz, talvez seja impossível fazer esculturas “belas” (ou com referência direta a pessoas) após a Ditadura militar.

Conclusão:

Os resultados da pesquisa:

- A pesquisa mostrou a pertinência de se utilizar os monumentos catástrofes para a análise estética e cultural, pois representam a impressão que determinado evento traumático causou nas vítimas, a arte se torna uma forma de representação da realidade vivida.
- A pesquisa mostrou também a pertinência de se utilizar esses monumentos para fazer o estudo de eventos históricos, os significados dos monumentos estão diretamente ligados à forma como determinado povo se lembra de um evento, como por exemplo, os monumentos sobre a Ditadura militar não fazem referência direta às pessoas torturadas, mortas e desaparecidas, preferindo optar pelo sentimento de sublime.

Agradecimentos:

Agradeço à Universidade Estadual de Goiás pela oportunidade de participar do projeto de pesquisa, algo totalmente novo para mim e ao PIBIC pela bolsa. Agradeço também ao meu orientador nesse projeto, o Prof. Dr. Eliézer Cardoso de Oliveira, pela grande ajuda, conselhos e críticas construtivas.

Referências:

CARUTH, Cathy. "Modalidades do despertar traumático (Freud, Lacan e a ética da memória)". In. NETROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000. p. 111 - 136.

GASPARI, Elio. *A Ditadura Escancarada*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

KOSELLECK, Reinhart. *THE PRACTICE OF CONCEPTUAL HISTORY: Timing History, Spacing Concepts*. STANFORD UNIVERSITY PRESS, CALIFORNIA, 2002.

NETROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000.

OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. *Estética da catástrofe*. Goiânia: Editora da UCG, 2008.

POLLACK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: A problemática dos lugares*. Projeto história. São Paulo. 1993.